



ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM UM TAMANDUÁ-MIRIM (*Tamandua tetradactyla*)

Thais da Costa Tavares;
Teresa Cristina da Silveira Anacleto

INTRODUÇÃO

O tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla* Linnaeus, 1758), também conhecido como tamanduá-de-colete, pertence à ordem Pilosa e à família Myrmecophagidae. Tem ampla distribuição na América do Sul e no Brasil é registrado em todos os biomas. Trata-se de animal de médio porte, com peso de 7 kg e comprimento entre 47 e 77 cm (Nowak, 1999), possui pelos curtos e espessos com coloração amarela, no dorso há pelos pretos que formam um colete. A presença desse “colete” depende da região geográfica e pode estar ausente ou parcialmente presente. Os membros anteriores são fortes e com garras desenvolvidas. A cauda é preênsil e sem pelos na parte inferior e na extremidade. Possui hábito escansorial (Nowak, 1999), utiliza ocos de árvores e tocas de tatus para descansar e tem atividade predominantemente noturna (Montgomery, 1985). A dieta consiste basicamente em formigas e cupins (Emmons, 1990), que são capturados através da língua longa e protrátil e não possui dentes. A dieta insetívora é um problema para os tamanduás cativos, sendo considerada uma das mais difíceis de formular e muitas vezes podem ocorrer deficiências nutricionais com consequências fatais (Ledesma *et al.* 2006). Estudo sobre doença em 103 tamanduás, 20% tiveram problemas nutricionais, sendo 11,5% por absorção inadequada e 8,5% por deficiências (Diniz *et al.* 1995).

OBJETIVOS

O objetivo desse estudo foi apresentar uma alimentação artificial que possibilitou o desenvolvimento de um tamanduá-mirim recém-nascido e o retorno ao ambiente natural.

MATERIAL E MÉTODOS

Um tamanduá-mirim macho foi deixado no Laboratório de Mamíferos, em agosto de 2012. A mãe havia sido atropelada e morta por uma máquina agrícola. O filhote ainda possuía o cordão umbilical e pesava 370g, a idade foi estimada entre 1-2 semanas de vida. A pelagem era escura, sem o característico “colete” com pelos amarelados. Foi acomodado em um cesto, com um urso de pelúcia. A alimentação artificial foi administrada em uma mamadeira com bico de silicone. A quantidade e a composição das dietas foram modificadas de acordo com a necessidade do animal. Pesagens semanais foram utilizadas para avaliar o desenvolvimento.

RESULTADOS

Os tamanduás são insetívoros, especializados em cupins e formigas. Esses animais necessitam de uma dieta de alto valor biológico, com aminoácidos essenciais, rica em gordura e com baixos teores de lactose (Dra. Maria Emília B. Santiago, com. pessoal). Na primeira semana a dieta consistiu somente de leite (NAN PRO 1® preparado de acordo com as instruções da embalagem) e aminoácidos (1 gota de Glicopan®), entre 5-10 ml/mamada, a cada duas horas (dia e noite). O filhote não abria a boca para mamar, sendo preciso passar o bico da mamadeira em volta da boca,

de forma contínua e insistente, até que abrisse a boca. O tamanduá aceitou muito bem a alimentação artificial, entretanto, o ritual para abrir a boca durou até o 6º mês. Antes de mamar o filhote era estimulado a urinar, passando algodão umedecido na genitália, isso foi necessário até o 2º mês. A defecação inicial ocorreu em intervalos de 11 dias, depois reduziu para 5 a 7 dias. Na segunda semana a dieta foi modificada com a substituição gradual do leite NAN® por leite de cabra em pó, que é uma fonte de proteína e gordura de fácil digestão. No final do primeiro mês o animal consumia cerca de 20 ml/mamada. No segundo mês, iniciou-se a substituição gradual do leite de cabra por leite Ninho 1®. A composição da dieta foi modificada aos poucos. À medida que o animal se alimentava melhor, as mamadas foram espaçadas a quatro mamadeiras e somente durante o dia. A partir do 3º mês teve início a suplementação com proteína e taurina, com os seguintes ingredientes: 1 ovo, 1 colher de chá de ração para gato moída, 1 colher de sopa de couve picada, outra de cenoura picada e 45 ml de leite cabra. Essa mistura (papa) era adicionada à mamadeira, iniciando com 5 ml e aumentando até 20 ml, em um período de dois meses. No 4º mês iniciou a ingestão de cupins, com excelente aceitação. Durante o banho de sol, o filhote era colocado em locais com cupins (árvores ou no solo), onde escavava em busca de suas presas. No 6º mês a papa foi modificada, saíram couve e cenoura e o leite de cabra foi substituído por leite bovino in natura. As mudanças sempre foram graduais e com inserção de itens essenciais à dieta artificial dos tamanduás, como a Taurina. Faltou administrar a vitamina K oral, que é necessária na dieta dos tamanduás na fase de aleitamento (Santiago & Miranda, 2012). A deficiência dessa vitamina pode surgir com mudanças bruscas na dieta e os sintomas aparecem após 1-2 meses e pode ser fatal. É provável que a ingestão de cupins e outros insetos, juntamente com a alimentação artificial, tenham suprimido a carência de vitamina K. A taurina é um aminoácido sulfurado e tamanduás que recebem dietas com baixos teores de taurina desenvolvem cardiomiopatia dilatada. Os sinais clínicos observados são dispnéia, letargia e perda de peso, entre outros (Luppi *et al.* 2008). Por isso a dieta incluiu ração de gato que é rica em proteínas, Taurina e vitamina E. O tamanduá-mirim apresentou maior desenvolvimento a partir do 3º mês, entre agosto e outubro ganhou cerca de 140g/mês, entre novembro/2012 e março/2013, ganhou 440g/mês. Até o momento não foram registrados problemas de saúde. O filhote foi mantido solto no Laboratório de Mamíferos que está inserido no Parque Municipal do Bacaba. Atualmente, no 7º mês, está com as seguintes medidas: cabeça-corpo = 55cm, cabeça = 16cm, cauda = 39cm e massa corporal = 2.400kg. Está independente, fica 4-6 dias no Parque e retorna ao laboratório (geralmente, pela manhã) para mamar (300-400 ml de leite com papa, 50% cada) e dorme. As tentativas de desmame não tiveram sucesso.

DISCUSSÃO

CONCLUSÃO

Esse desenvolvimento indica que o tamanduá-mirim respondeu bem à dieta oferecida, outros fatores indicativos do sucesso nutricional é a pelagem densa, com coloração característica e comportamento bem ativo, escalando árvores e escavando cupinzeiros diariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DINIZ, L. S. M., COSTA, E. O., OLIVEIRA, P. M. A. 1995. Clinical disorders observed in at eaters (Myrmecophagidae, Edentata) in captivity. *Veterinary Research Communications*, 19: 409-415.

EMMONS, L. H., FEER, F. 1990. Neotropical rainforest mammals: a field guide. Chicago: The University of Chicago, 281p.

LEDESMA, A. V., GUERRA, U. C. H., LARRAZÁBAL, L. B. 2006. Formulación de Dieta en Cautiverio de Serafín del Platano (Cyclopes didactylus) en el Parque Zoológico Huachipa. *Edentata*, 7: 18-22.

LUPPI, M. M., TEIXEIRA-DA-COSTA, M. E. L., MALTA, M. C. C., MOTTA, R. O. C. 2008. Deficiência de

taurina em filhote de tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) alimentado com substitutos de leite para cães e gatos. *Ciência Animal Brasileira*, 9: 1004-1009.

MONTGOMERY, G. G. 1983. Cyclopes didactylus (Tapacara, Serafin de Platanar, Silky Anteater). Pp. 461-463 in: JANZEN, D. H. (Ed.). *Costa Rican Natural History*. Chicago: University Chicago Press.

NOWAK, R. M. 1999. *Walker's mammals of the world*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, ed. 6, v.1, 836p.

SANTIAGO, M. E. B., MIRANDA, F. 2012. Cuidado com filhotes. Pp. 147-155 in: MIRANDA, F. (Org.). *Manutenção de tamanduás em cativeiro*. São Carlos: Editora Cubo.

Agradecimento

(AGRADECIMENTOS: À Dra. Mila Santiago pelas valiosas orientações sobre manejo e aleitamento, ao CNPq pela concessão de bolsa de Iniciação Científica e aos alunos dos Laboratórios de Mamíferos e Ictiologia por cuidarem do Sid).